



BREVES COSTURAS A PARTIR DE ROSANA PAULINO E AS VOZES DO SUL **BRIEF SEWING FROM ROSANA PAULINO AND THE VOICES OF THE SOUTH**

Catia Paranhos Martins - Psicologia/UFGD - catiamartins@ufgd.edu.br

RESUMO

Neste ensaio apresento um breve diálogo entre algumas obras da artista Rosana Paulino e as vozes do Sul. Penso a artista como “arquivo vivo”, inspirada pela interpretação feita por Maria A. Antonacci, cuja poética utiliza-se, em especial, da “memória ancorada em corpos negros”. O que não se pode ver e dizer? Quem ainda não é vista e ouvida? Quais vidas estão nos bastidores, invisíveis e não podem compor o ato? O que dizem estas pessoas - mulheres negras - através de silenciamentos e cegueiras? Interesse-me por aceitar a provocação das obras mais do que construir possíveis respostas. Dentre tantas aprendizagens e afetações, destaco o corpo como território tanto pessoal quanto político, estratégia utilizada pela artista para (re)afirmar que mulheres, corpos feminizados e/ou racializados são sujeitos desejantes e que gestam mundos outros. É o corpo e sua memória como suportes de criação de existências e experimentações que questionam o projeto colonial-capitalista.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo; Arte; Cartografia.

ABSTRACT

In this essay I present a brief dialogue between some works by artist Rosana Paulino and the voices of the South. I think of an artist as a “living files,” inspired by Maria A. Antonacci's interpretation, whose poetics uses, in particular, the “memory anchored in black bodies”. What can not be seen and said? Who is not seen and heard yet? What lives are behind the scenes, invisible and can't make up the act? What do these people - black women - say through silences and blindness? I am interested in accepting the provocation of the works rather than constructing possible answers. Among so many learnings and affects, I highlight the body as both personal and political territory. The strategy used by the artist to (re)affirm that women, feminized and/or racialized bodies are desiring subjects and that they are get pregnant to other worlds. It is the body and its memory as supports of creation of existences and experiments that question the colonial-capitalist project.

KEYWORDS: Body; Art; Cartography.

APONTAMENTOS INICIAIS

Este texto¹ é um ensaio, uma tentativa costurar aprendizagens, estranhamentos e afetos a partir da produção da artista Rosana Paulino² e as vozes e saberes do Sul. Apresento o que considero um “canteiro de obras”, inspirada em Maria A. Antonacci (2016), uma breve conversação cujas marcas da provisoriedade ainda estão aparentes. Continuo na tarefa de cartografar o que nos acontece, almejando enxergar os intoleráveis do presente, bem como

¹ Texto apresentado para conclusão do Curso “Estéticas descoloniales desde el Sur. Arte, memorias y cuerpos”, do El Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLASCO), 2019.

² Os trabalhos de Rosana Paulino podem ser acessados em sua página pessoal no seguinte endereço: <http://www.rosanapaulino.com.br/>



procurar os germens de vida para descolonizar o pensamento e o desejo na produção de outras saúdes (MARTINS, 2018; 2019). Fazer uma cartografia do presente, tal como tenho experimentado, implica tanto (re)conhecer um cenário de barbárie, quanto procurar as fissuras. Busco enxergar trabalhos e movimentos coletivos de pensamento, criação e ação que nos unem e quiçá seja um antídoto contra a solidão do deserto da monocultura, dos adoecimentos e das fomes³.

Meu interesse pela produção artística é por entendê-la num constante movimento de espelho e reflexo das questões do contemporâneo, tal como nas palavras de Katia Canton, “a arte ensina desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades.” (CANTON, 2009: 13). E, ainda, componho as minhas justificativas com a artista Adriana Varejão, quando questionada sobre a função da arte, afirma que “a arte cria essa narrativa paralela que areja a linguagem, como as minhocas arejam a terra” (VAREJÃO, 2014).

“A Conquista ainda não terminou”, segundo Ailton Krenak⁴. Este é um dos muitos momentos difíceis da história do Brasil, bem como de vários países da América Latina⁵. A colonização e escravidão ganham novas perversidades com o neoliberalismo no século XXI. Parece-me que o sonho de justiça social, com pessoas de várias cores, amores e modos de organizar a vida escorre pelos dedos como areia fina. Entretanto, a história não é única, a vida pulsa e a pluralidade também é uma dimensão do presente.

Glissant (2006) faz uma provocação para desestabilizar o pessimismo, as supostas certezas e linearidades colocadas pelo projeto colonial: “Não temos escolha a não ser as

³ O Mato Grosso do Sul, de onde falo, está entre os principais produtores do agronegócio brasileiro e, de forma concomitante, lidera as violências e violações de direito contra os povos indígenas, as mulheres e pessoas LGBTQI+. A monocultura empobrece inclusive o solo democrático, sendo a comunidade da UFGD desrespeitada com a intervenção do MEC na escolha da reitoria, em junho de 2019.

⁴ Vide “Guerras do Brasil.doc”, de 2019, documentário produzido pela Netflix sobre a história do Brasil. No 1º episódio “A Guerra da Conquista”, a liderança indígena Ailton Krenak é uma das vozes que narra a invasão européia. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VEnjuwtr32s&feature=emb_title. Acesso em 10 de Nov. de 2019.

⁵ Escrevo em novembro de 2019 e Bolívia, Chile, Colômbia e Equador estão em processo de insurgência contra o neoliberalismo enquanto o Brasil é governado por uma figura com posicionamentos machistas, homofóbicos, racistas, contrários à proteção do meio ambiente e dos povos indígenas e que apóia a família tradicional e a ampliação ao acesso às armas, dentre outros posicionamentos.



impossíveis? Não temos o direito de viver, nem meios para fazê-lo, em outra dimensão da humanidade? Mas como?". E posiciona-se contra a perspectiva de “um Império todo poderoso, totalitário e benevolente”. Uma das tarefas decoloniais e/ou para descolonizar o pensamento, o desejo e a ação é uma perspectiva contrária “a raiz única, que mata o ambiente [...] No imaginário da raiz-única injetamos a identidade-rizoma⁶” (GLISSANT, 2006: 24-25, tradução nossa).

São as “colonialidades do poder” (QUIJANO, 2005), do “ser” (MIGNOLO, 2013), “saber” (LANDER, 200) e de “gênero” (SEGATO, 2012), criticadas pelos saberes e autorxs do Sul, que sustentam uma concepção de identidade como única, individualista e individualizante. Na tentativa de pensar e enfrentar o que está posto, destaco uma provocação de Karina Bidasceca: “a colonialidade que nos atravessa, as memórias inscritas em nossos corpos e a (im)possibilidade de descolonizar o feminismo (...) e, inclusive, a colonização também de nossa episteme é uma marca que permeia o pensamento feminista do Sul” (BIDASECA, 2014: 586-587, tradução nossa).

Para problematizar o cenário e descolonizar as ideias, a artista por mim escolhida é Rosana Paulino e suas obras contribuem para pensar o que é nosso ou o que deveria ser nosso. São as mazelas e as violências ancoradas nas desigualdades de renda, gênero e raça/cor/etnia, bem como as estratégias biopolíticas e necropolíticas de silenciamento, assujeitamento e morte, que marcam a vida cotidiana de mulheres, corpos feminizados, racializados e experiências outras. As violências do projeto moderno colonial-capitalista nos funda, forma e conforma ao produzir políticas de morte que mantêm populações e grupos como “mortos-vivos”, a partir de Mbembe (2018; 2016).

Aproveito os indicativos de Herkenhoff compondo um “movimento cartográfico de bússola à procura de um norte” (2016: 11). A direção que me interessa seguir não é o norte que se autoproclama global, com seus sistemas de avaliação, classificação e homogeneização da vida. Mas as pistas e os rastros que têm potência para criação de estéticas feministas, uma

⁶ É a partir de Deleuze e Guattari que compreendo o rizoma como “*intermezzo*”, uma provocação para desnaturalizar as hierarquias e perceber as coisas pelo meio. Faço aqui o difícil e delicioso exercício de trabalhar somente com as referências do Sul, utilizando Glissant em “Tratado del todo-mundo” (2006) que propõe uma outra episteme a partir do labirinto de ilhas caribenhas em contraposição ao mar linear.

brecha para invenção de mundos outros e novos modos de sentir, pensar e ser/estar desde o Sul.

Penso a artista Rosana Paulino como “arquivo vivo”, inspirada pela interpretação feita por Antonacci (2016), cuja poética utiliza-se, em especial, da “memória ancorada em corpos negros” e que

[...] permite antever o encarnar, incorporar da sabedoria de povos africanos em contínuas diásporas, que fazendo uso marginal do suporte escrito, jogam no corpo – “arquivo vivo” –, forças fundamentais no educar e sociabilizar em viveres comunitários, perdidos para os ocidentais e que, ainda hoje, revitalizam alteridades em línguas e linguagens sensíveis ao meio circundante e em relação à natureza social do conhecimento (ANTONACCI, 2018: 253).

É a partir de seu corpo que Rosana Paulino responde às violências coloniais, à tentativa de apagamento do passado das pessoas escravizadas e que reinventa o nosso presente. Os corpos negros nas obras que serão comentadas a seguir são tanto a presença da “ferida colonial”, aspecto também discutido por Grada Kilomba e Walter D. Mignolo, e da “essencial tristeza do exílio” (BIDASECA, 2016), quanto “ferramentas para interrogar a hegemonia do Ocidente” (ANTONACCI, 2016), na produção de conexão com as ancestralidades e na abertura para compreensão das múltiplas epístemes.

1. ROSANA PAULINO E SUAS OBRAS E COSTURAS

Rosana Paulino é uma mulher cisgênero, negra, brasileira e artista visual reconhecida internacionalmente. É pesquisadora e educadora com doutorado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo, uma das mais importantes universidades públicas do Brasil⁷. As suas combinações vão desde memórias pessoais, fotos de família e de desconhecidos ao trabalho com o barro, matéria-prima que descobre no quintal de sua casa nas brincadeiras da infância. Acrescenta ao seu fazer criativo, inclusive, elementos das religiões de matrizes africanas e objetos ordinários da vida doméstica.

⁷ O acesso à universidade pública faz da artista uma exceção entre as pessoas negras de sua geração. Somente em 2019, “pela primeira vez, negros são maioria no ensino superior público”. Vide <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-no-ensino-superior-publico>. Embora haja aspectos a serem comemorados, há um longo caminho para desconstruir o mito da democracia racial brasileira, bem como enegrecer o feminismo, tal como convoca a pesquisadora Sueli Carneiro (2011; 2017).



Dos trabalhos de Paulino, começo com a sequência “Bastidores”, de 1997, onde apresenta fotos de mulheres negras estampadas no tecido e emolduradas por bastidores. As mulheres têm olhos, garganta e bocas costurados. A costura é um elemento que caracteriza o universo doméstico, feminino e privado. O bordado, embora possa remeter a delicadeza, aqui é a linha e a agulha que se juntam para definir a vida e calar a voz das mulheres e pessoas negras.

É proposital o uso dos objetos ordinários da vida doméstica, bem como de imagens de corpos de pessoas negras nos trabalhos de Paulino. A artista, que também é pesquisadora, questiona o seu lugar e o lugar dos seus no mundo. Sua obra tem a tarefa de “gritar, mesmo que por outras bocas estampadas no tecido ou outros nomes na parede. Este tem sido meu fazer, meu desafio, minha busca” (PAULINO, 2009).

O que não se pode ver e dizer? Quem ainda não é vista e ouvida? Quais vidas estão nos bastidores, invisíveis e não podem compor o ato? O que dizem estas pessoas - mulheres negras - através de silenciamentos e cegueiras? Quais memórias guardam os “arquivos-vivos”? Interesse-me por aceitar a provocação das obras mais do que construir possíveis respostas. Conforme nos ensina Bidaseca (2014), as artes das mulheres exiladas nos fazem enxergar os corpos que suportam o peso histórico das violências das políticas colonialistas.

Mais de uma década depois de “Bastidores”, pessoas ainda estão silenciadas e aprisionadas de inúmeras formas. Destaco outra produção intitulada “Assentamentos”, de 2011, na qual o passado/presente marcado pelo racismo é trazido à cena. A história do Brasil, como o último país das Américas a abolir a escravidão, é recontada com as imagens de pessoas negras que foram fotografadas, no final do século XIX, por um pesquisador suíço cujo objetivo era produzir material para comprovar a suposta superioridade da raça branca sobre as demais (PAULINO, 2013; 2019).

Paulino, ao compor “Assentamentos” com fotos recortadas e costuradas e um amontoado de braços e pernas pintados de preto, escancara que as negras e os negros eram vistos como “lenha para se queimar”, sendo que “a mecânica da escravidão era tão perversa que a expectativa de vida de um escravo nascido no Brasil girava em torno de 19 anos”



(PAULINO, 2013). Além das fotos de corpos nus de pessoas negras, os membros (braços e pernas) são amontoados em cima de *palets*, materiais descartáveis que servem para o transporte de mercadorias. Para Paulino, os *palets*, assim como as pessoas, remetem à história brasileira de colonização e escravidão, ressaltando o passado ainda presente de um país agrário e que alimenta até hoje o mercado internacional com matéria-prima, a despeito do custo humano e ambiental.

Parece-me que as estratégias de resistência são inúmeras, sendo a costura uma delas. O artesanato e as artes têxteis, por exemplo, já foram sinônimos da arte feita por mulheres, logo, sem valor no sistema colonial, capitalista e patriarcal. Mas as mesmas linhas que aprisionam corpos racializados e generificados levam-me a pensar na potência para modificar os sentidos e produzir novas suavidades e alinhavos. A artista, em sua poética, nos mostra que os povos africanos também trouxeram os seus saberes e as suas práticas, “assentaram aqui sua força, seu axé”, contribuindo, de forma decisiva, para a formação econômica e cultural do Brasil e das Américas. (PAULINO, 2013)

Na obra “Parede da memória”, construída de 1994 a 2005, a artista coloca em sequência fotos de pessoas negras estampadas em pequenas almofadas, cujas costuras estão aparentes. São pequenos patuás, objeto de matriz africana utilizado para proteção espiritual. Qual a origem de Paulino? De onde vieram os seus familiares? Quando foram trazidos à força ao Brasil? Quantos morreram na travessia do Atlântico? Quem os protege? Nas palavras de Bidaseca “é a ferida impossível de curar imposta entre um ser humano e seu lugar de origem, entre mim e o verdadeiro lar: a tristeza essencial” (BIDASECA, 2016: 82, tradução nossa). A todo o momento a artista (re)conta a história, que é pessoal e coletiva, é a nossa história como denúncia da diáspora, bem como os laços de solidariedade produzidos desde o cativoiro.

Assim, a existência de Paulino e dos seus e suas que compõem as obras comentadas é reafirmada com “pertença, logo sou”, tal como Kazadi wa Mukuna destaca ao prefaciá-lo Antonacci (2016). O provérbio é a marca do pertencimento em ruptura radical à perspectiva moderna cartesiana “penso, logo existo”, bem como a versão contemporânea “consumo, logo sou feliz”. Contra a racionalidade moderna, individualista e transcendente, contra as necropolíticas do século XXI, a memória no/do corpo e suas performances estão vivas,



reafirmam os laços de reciprocidade ao denunciar o horror da escravidão e do genocídio na luta por reconhecimento e reparação.

O que são as repetições no trabalho da artista? Como produzir outra história? O que não se pode esquecer para não repetir? Da escravidão de ontem e ao trabalho análogo à escravidão de hoje, a obra de Paulino é um convite, ou melhor, uma provocação ética para pensar o cotidiano e suas práticas de controle, seja através das violências (contra as mulheres, doméstica, sexual, dentre outras), seja no racismo do Estado e na Ciência, tal como comentarei a seguir.

Na obra de 2016, um livro intitulado “¿História Natural?”, o questionamento no título escancara o racismo respaldado pelo conhecimento científico, traz para o debate a linearidade histórica produzida a partir da perspectiva européia e colonial. A suposta neutralidade da Ciência Moderna e a raça/cor/etnia, como categoria hierarquizadora, são desnaturalizadas. Dentre as inúmeras provocações, uma indagação ético-política: “qual o valor das ciências humanas que não emancipam o objeto de seu conhecimento?” (HERKENHOFF, 2016: 167)

É sobre as políticas de vida e morte vigentes que a artista contribui para colocar em análise. Sobre os desafios do presente, Mbembe indaga-se: “essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo seu objeto primeiro e absoluto?” (MBEMBE, 2018: 6). Para autor, a necropolítica e o necropoder são “as formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (2018: 71) e que definem quais corpos são matáveis e, de forma concomitante, embaralham as fronteiras de resistência, sacrifício e liberdade.

2. UM PROVISÓRIO PONTO FINAL

Compreender a produção de Rosana Paulino implica em recontar a história brasileira, o país que ainda vive sobre o mito da democracia racial (CARNEIRO, 2011; 2017), bem como questionar o projeto colonial-capitalista que continua a inventar um ocidente civilizado, as Américas e Áfricas como bárbaras, as cisões humanidade ou natureza, natureza ou cultura, dividindo-nos entre humanos e vidas matáveis, dentre tantas outras cisões.



É com ousadia que a poética de Rosana Paulino insiste em produzir deslocamentos na sensibilidade coletiva. O corpo, nas obras comentadas, é território em disputa, evidencia tanto as violências sofridas quanto a dimensão da luta e da resistência. Os antepassados que compõem as cenas trazem na memória outras terras, modos sociabilidade e de relação com as divindades. Sendo assim, a lógica logocêntrica, que concebe a razão como única, é questionada a partir da poética da artista que faz uso da memória, de outras histórias, espiritualidades, oralidades, rituais e demais performances.

Pensar a partir das estéticas decoloniais é um convite/provocação para entender a vida e a arte como dimensões inseparáveis. É para mim ter o privilégio de ficar com a “pele arrepiada” (BIDASECA, 2016) ao encontrar estratégias de criação que politizam o corpo, a memória e a vida, tal como a produção de Paulino. É conceber o corpo como território tanto pessoal quanto político, e (re)afirmar que mulheres e corpos feminizados e/ou racializados são sujeitos desejantes e que gestam mundos outros mesmo quando o cenário é o Brasil de 2019. É o corpo/vida como suporte de criação de existências e experimentações que questionam o Império.

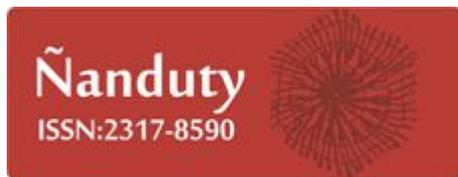
Destaco, ainda, que os trabalhos de Paulino têm potência para desnaturalizar a cena artística, que se mantém branca e masculina alinhada ao colonialismo. O projeto “A história da arte” pesquisou os 11 livros mais estudados sobre a temática e observou-se que: do total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são de pessoas negras e 645 (26,3%) são não europeus (MORESCHI, 2017).

Novas linhas de minha cartografia já acompanham outras artistas brasileiras que tomam corpos, gêneros, raça/cor/etnia, obrigações e privilégios das condições naturalizadas de ser/estar/desejar como problemáticas de trabalho. Quiçá as experiências de delicadeza na arte e na vida possam produzir outras políticas e poéticas inaugurando subjetividades não coniventes com as violências e as violações de direitos ainda tão nossas de cada dia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONACCI, Maria Antonieta. 2016. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2ª ed. São Paulo, Educ.
- _____. 2018. “Memória e patrimônio em “arquivo vivo””. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 62(1): 80-110.
- BIDASECA, Karina. 2014. Cartografias Descoloniales de los Feminismos del Sur. *Estudios Feministas*, Florianópolis, 22(2): 585-591.
- _____. 2016. *Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente*. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO.
- CARNEIRO, Sueli. 2011. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo, Selo Negro.
- _____. 2017. “Ennegrecer el feminismo”. In: CAMPO ALEGRE SEPTIEN, Rosa; BIDASECA, Karina. *Más allá del decenio de los pueblos afrodescendientes*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO-CIPS: 109-116.
- CANTON, Katia. 2009. *Das políticas às micropolíticas*. São Paulo, Martins Fontes.
- GLISSANT, Édouard. 2006. *Tratado del Todo-Mundo*. Barcelona, Ed. El Cobre.
- HERKENHOFF, Paulo. 2016. *Mulheres do presente, a clareza entre sombras*. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake.
- LANDER, Edgardo (org). 2005. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur: 21-53.
- MARTINS, Catia Paranhos. 2018. Pela gestação de outras saúdes e incontáveis modos de ser/estar o mundo. *Revista Ñanduty*, Dourados, 6(8): 46-59.
- _____. 2019. “Por outras políticas e poéticas”. In: TEDESCHI, Losandro; BIDASECA, Karina. (org.) In: *As fronteiras de nossos corpos e sexualidades: gênero, feminismo e história das mulheres*. Dourados, Editora UFGD (no prelo).
- MBEMBE, Achille. 2016. “El devenir negro del mundo”. In: MBEMBE, Achille. *Crítica de la razón negra*. Buenos Aires, Futuro Anterior ediciones.
- _____. 2018. *Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte*. São Paulo, n-1 edições.
- MIGNOLO, Walter. 2013. *Decolonialidade como o caminho para a cooperação*. In: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253 (acessado em 10 dezembro de 2019).
- MORESCHI, Bruno. 2017. *Projeto História da _rte*. In: <https://historiada-rte.org> (acessado em 2 de outubro de 2018).
- PAULINO, Rosana. 2013. *Assentamento – pdf educativo*. In: <http://www.rosanapaulino.com.br> (acessado em 10 de setembro de 2019).
- _____. 2009. *Catálogo do Panorama 97 – Museu de Arte Moderna de São Paulo*. In: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/2009/07> (acessado em 20 de janeiro de 2019).
- _____. 2018. *A costura da memória*. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo.
- QUIJANO, Anibal. 2005. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo(org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur: 118-142.
- VAREJÃO, Adriana. 2014. *Entrevista*. In: <https://oifuturo.org.br/historias/adriana-varejao-e-as-multiplas-influencias-de-sua-obra> (acessado em 20 de novembro de 2019).



SEGATO, Rita Laura. 2012. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES* (Online), 18:1-5.